

Apenas uma narrativa breve: A escrita jornalística e suas potencialidades

1

Rejane Moreira²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

RESUMO

Este artigo busca pensar acerca das potencialidades da escrita jornalística. Antes de tudo, nos inspiramos na perspectiva de Lévy que afirma que a escrita é uma tecnologia que aciona certos modos de pensar e agir. Pensar a escrita como tecnologia é pensá-la como dispositivo que ativa um conjunto de sentidos sociais e culturais. Assim, entendemos que a escrita é também contexto. Nesse caso, refletimos sobre as condições de possibilidades da expressão dessa escrita, a fim de compreendermos suas tensões quando esta é associada aos inovadores ambientes comunicacionais. Nesse cenário, o jornalismo impresso encontra meios e formas de discutir seu estatuto, sua função e seus novos modos de concepção. Aqui, buscamos refletir sobre jornalismo impresso e novas formas de construção de sua escrita.

.

Palavras-chave: Etnografia; escrita; jornalismo impresso; narrativa

Escritas por todos os lados

O título deste artigo se inspirou num importante texto escrito por Paul VEYNE³, no livro *Como se escreve a história*, cujo subtítulo é *Apenas uma narrativa verdadeira* em que o autor discute os alicerces do pensamento histórico. Em seu trajeto, Veyne nos apresenta de forma contundente e rigorosa a simples ideia de que é indispensável ao historiador recolocar a questão “o que é história?”, pois é necessário pensar sobre a compreensão de que coube à história “explicar” determinados fenômenos. Para Veyne, cabe ao historiador não apenas explicar, mas ensinar e narrar de forma ética os acontecimentos da vida. No entanto, apesar da história ser anedótica, o historiador tradicional parece se interessar pela verdade. Há uma paixão do historiador pela explicação e pela verdade. Veyne conclui: “Mas o historiador, esse não é nem um colecionador, nem uma estrela; a beleza não lhe interessa, a raridade tampouco. Só a verdade.” (1982,p. 15)

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Coordenadora e professora do Curso de Jornalismo na UFRRJ, coordenadora do NECOM, coordenadora do GP Jornalismo Impresso da Intercom, e-mail. rejanemoreira@gmail.com

³ Cf. VEYNE, P. **Como se escreve a história – Foucault Revoluciona a História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Antes de tudo, o papel do historiador é classificar, esclarecer e colocar em uma página aquilo que se desenrolou em um determinado período. O historiador seria então um classificador, um exímio organizador dos acasos e dos acontecimentos. Mas a classificação, a organização e o esclarecimento apresentam um modo de pensar a história, de que Veyne busca se afastar. Neste sentido, o autor diz que à história cabe a narrativa. O historiador é um narrador. E narrar pressupõe postura ética, escolha ética e afirmação do caráter lacunar dessa escolha. A história é “apenas uma narrativa” que não se quer única, estável e muito menos factual.

Conectar a história à narrativa é mudar a versão comumente propagada de que a história é uma “disciplina puramente científica”. A história, encarada como narrativa, busca acionar questões éticas, tais como “o que deve ser narrado?”; “como escolher o que deve ser narrado?”. Do mesmo modo fornece ao historiador uma dupla função: primeiro, conceber a narrativa na potencialidade de produzir outras narrativas, ou seja, ativar narrativas que suscitem outras possíveis narrativas e, segundo, conceber a narrativa apenas como mais uma possível. Ao historiador caberia a tentativa de deixar brechas em seu texto, produzir o afastamento da clausura textual que a tudo explicaria. Por isso, caberia à história ensinar e não explicar.

Neste sentido, Veyne afirma, no artigo inspirador, que a história é *apenas uma narrativa verídica*. Está no escopo epistêmico da história buscar a veracidade. Assim, nos inspiramos nessas discussões para pensarmos a episteme da narrativa jornalística, mais especificamente as potencialidades da escrita jornalística. Primeiramente, entendemos, assim como Veyne, que jornalismo é narrativa, com isso queremos dizer que jornalismo produz versões parciais e singulares sobre acontecimentos. O jornalismo, assim como a história, se constitui como narrativa e que essa narrativa é um modo de buscar sentidos diversos do mundo, sentidos e modos de experiências específicas⁴. Mas nossa questão principal é: o que o texto jornalístico pode narrar em potência?

Certamente, um dos fundamentos da narrativa jornalística é a condição de que a verdade integre seu *modus operandi*. Mas essa discussão, já bastante debatida por nós em outros artigos, por ora agora não os interessa. Nosso intuito é analisar uma característica importante da narrativa jornalística, sua instância breve. A narrativa jornalística é breve,

⁴ Desde o ano de 2010, na ocasião da inauguração do NECOM (Núcleo de Estudos em Cultura Midiática), na UFRRJ, estamos nos debruçando sobre o entendimento que o jornalismo é narrativa e tem suas especificidades. Produzimos vários artigos discutindo essas questões. Muitos deles discutidos no GP de Jornalismo Impresso da INTERCOM.

pois tem capacidade de subsumir acontecimentos em “uma folha de papel”. Isso que denominamos brevidade marca, ao nosso entender, a diferença entre a escrita histórica, etnográfica e a escrita jornalística. Se na constituição da escrita etnográfica há uma tensão com o campo, na medida em que o etnógrafo busca condição de comunicação entre o visto-vivido e o relatado no texto, no jornalismo, essa tensão se condiciona pela brevidade do relato, pois escrever brevemente é buscar na objetividade e concisão entendimentos sobre fenômenos complexos que “não caberiam em uma página.” Mas ainda vamos além, se é da natureza da linguagem do jornalismo essa característica breve é também isso que o impede de se estender no texto e com isso proporcionar espaços de interpenetração entre outras narrativas possíveis. Cabe ao jornalismo, então, se afastar das interpretações, da atividade hermenêutica, das multiplicidades das vozes e colocar no texto apenas “impressões breves” do mundo. Diante dessas questões, gostaríamos de delinear outra questão: qual a potência da narrativa breve? Ao fim do artigo tentaremos mostrar uma matéria jornalística, concebida em plataforma multimídia, em que encontramos algumas potencialidades da escrita.

Há, portanto, um fazer técnico jornalístico. Ao texto jornalístico cabe a credibilidade, coesão e objetividade. Tudo isso aliado a uma vontade de transmitir e informar de forma crível. A grande prova disso é a construção de determinados marcadores textuais como os facilmente encontrados em manuais que apresentam, entre outras técnicas, as seguintes formas de escrever: frases curtas; escolhas de palavras simples; escolhas de termos específicos e pouca adjetivação. Essas técnicas, comumente utilizadas como qualidades intrínsecas do texto jornalístico, têm como função primeira afastar qualquer espectro subjetivo. Ademais, após a edição minuciosa do texto, qualquer resquício subjetivo é retirado para obedecer à lógica da brevidade e da instantaneidade. Na matéria que apresentaremos a repórter conseguiu driblar esse aspecto quando narra suas impressões.

Entendemos que a Antropologia pode inspirar questões para o campo jornalístico, pois essa discussão, sobre as tensões entre a experiência e a escrita é alavancada em seu cerne. A Antropologia, diferente do campo jornalístico, percebe de outro modo a subjetividade-objetividade e sua relação com a escrita e discute essa tensão como elemento constitutivo de seu próprio método.

Em interessante artigo, denominado *O campo e a escrita: relações incertas*⁵, da antropóloga Tânia Stolze Lima, a escrita é pensada como campo a parte da própria noção de campo. Stolze se propõe a observar alguns aspectos do conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe, em que ela percebe a presença de temas etnográficos na constituição da narrativa do autor. Em contrapartida é com o autor Evans-Pritchard, que escreve *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*, que a antropóloga discute aspectos relacionados às técnicas do autor para conseguir relatos sobre os funcionamentos dos rituais sagrados Azande.

De início, a autora diz não serem tão estáveis as relações entre o campo e a escrita. Primeiro aspecto que demarca esta ausência de estabilidade é o reconhecimento de que o campo revela enfaticamente as diferenças dos outros. Como alegoria a autora apresenta a percepção das diferenças no conto de Poe. Trabalhar a potência do encontro é então perceber a diferença como elemento fundante do campo. Diferença torna-se um conceito importante que deve ser pensado antes da ida ao campo, pois esta pode interferir na escrita do relato. Entretanto, o reconhecimento da diferença de outrem é fundamental porque

a suposição de que os outros são como nós seria um sinal de completa incapacidade de identificação com outrem, pois a identificação verdadeira vem a ser condicionada, primeiro, por uma avaliação da distância entre si e os outros e, depois, pela disposição para assumir as expressões dos outros. (STOLZE, 2013, p. 11).

A escrita, neste sentido, teria um papel paradoxal de aproximar-se e distanciar-se desse outro. Mas como colocar na escrita a potência desse encontro? Como manter a tensão da diferença se a escrita é um mecanismo de organização do campo? Bem, essas questões são delineadas pela autora na medida em que relata a experiência de Evans-Pritchard em sua pesquisa com o povo Azande. O antropólogo conviveu durante vinte meses com os Azande e foi o primeiro a realizar trabalho de campo intenso no continente africano, já no século XX. A autora expõe a inserção do etnógrafo no campo e entende que diversas artimanhas foram utilizadas por Pritchard para descrever as reações dos Azande. A antropóloga considera que a atuação de Evans-Pritchard foi de uma de “observação participante radical”, dado o empenho do autor em construir situações que levassem os curandeiros a se posicionarem segundo a sua natureza social genuína.

Evans-Pritchard, segundo Stolze, consegue trazer essa experiência radical para o texto, mas a relação “eu” e “outro” permanece controversa. Neste sentido, a imersão

⁵ Cf. STOLZE, T. **O Campo e a escrita: relações incertas**. São Carlos: Revista de Antropologia, v 5, n 2, 2013.

permite momentaneamente uma espécie de subjetivação do campo, mas ela não pode ser radical, por isso esses vínculos devem ser discutidos pelo etnógrafo. A imersão garante uma implicação com a experiência, ela demarca a possibilidade do encontro, da imprevisibilidade e do estranhamento, mas também um risco para o observador, já que este pode sair de sua “posição analítica”. Assim, entra a escrita, como uma espécie de demarcador desse lugar. No entanto, a escrita tem vigor de criar espaços de sequencialidade e de organicidade lógica das experiências. Nesse caso, a escrita acaba por forjar outro campo analítico que deverá ser pensado para além do campo experiencial. A escrita, na etnografia, impõe um modo de pensar as complexidades mesmas do tecido social.

O que impõe ou favorece tal situação é a natureza mesma do método etnográfico: retratado aqui como um modo aberto de coletar informações (isto é, ao sabor das relações sociais que travamos no trabalho de campo) e como um modo igualmente aberto de analisar essas informações. (STOLZE, 2013, p. 21)

Essas questões apresentam a escrita como um campo de tensões. Podemos então afirmar que algumas digressões são possíveis de serem feitas a partir do artigo de Stolze. A escrita, inclusive a jornalística, tem como elemento basilar a imersão no complexo social. Essa imersão não é só possível, mas fundamental. No entanto, assim como o antropólogo, o jornalismo corre o risco de criar apenas representações factíveis do processo de imersão e apresentar apenas superfícies de processos complexos que envolvem essas relações. Cabe à escrita, então, manter viva a intensidade do campo, ou criar outras intensidades que promovam multiplicidades de narrativa sem, contudo, ocasionar o mal entendido.

Mas sabemos também que a escrita jornalística se constituiu por determinados métodos e formas. Podemos fazer variar essa escrita? O jornalismo impresso pode ser objeto dessa experiência de variação? Onde encontramos e produzimos essa escrita jornalística? A experiência etnográfica pode inspirar a experiência jornalística?

Muitas são as questões que buscamos responder na pesquisa que tem como principal questão pensar as potências da escrita jornalística. Nesse artigo, continuaremos a conectar a etnografia e narrativa como duas terminologias importantes para a constituição de nosso arcabouço teórico. Por isso, vamos propor ao final do artigo algumas ilustrações analíticas de narrativas escritas que se apresentam em formatos digitais e de web. As plataformas móveis estão permitindo experiências de textos e escrita bem velozes e breves, admitindo uma “usabilidade” mais intensa por parte do receptor.

Cabe ao jornalista fazer etnografia?

Essa não é uma questão fácil e óbvia de ser respondida. Por isso gostaríamos de entender melhor se o jornalista pode se inspirar na etnografia para ampliar sua percepção de mundo e principalmente para “arejar, desviar e cambiar” seu texto. Nossa hipótese reside na percepção de que essa interpelação é bastante frutífera para a construção do texto jornalístico.

Bem, a etnografia é uma “teoria vivida”. Vamos então percorrer algumas discussões sobre etnografia, inspiradas no artigo de Urpi Montoya Uriarte⁶, cujo título é bastante movediço: *Podemos todos ser etnógrafos?* .

Com efeito, antes de nossas questões serem apresentadas, é preciso afirmar que a etnografia se tornou uma espécie de “musa inspiradora” para diversos campos. Sociologia, Psicologia e Comunicação têm “utilizado” alguns arcabouços metodológicos da etnografia para entender, principalmente, a importância do trabalho de campo para pesquisa.

E a relação com a escrita, a imersão e as construções analíticas do texto? O etnógrafo trabalha com três dimensões na pesquisa: a referência bibliográfica, a imersão no campo e a escrita. Essas dimensões compõem um mosaico com o qual o etnógrafo fará a sua *teoria interpretativa*. Os etnógrafos, portanto, dispõem de metodologias generalistas, de técnicas de captura de informação e formas especializadas de investigação científica de seu objeto. Uma terminologia particularizada é utilizada para apreender fenômenos sociais e culturais. Aqui, podemos apontar uma diferença fundamental entre a etnografia e o jornalismo, cuja hipótese sustentamos: o jornalismo trabalha com textos breves, concisos, objetivos, bem inverso da proposta interpretativa da etnografia. A interpretação, proposição basilar do trabalho etnográfico, não será concebida pelo jornalista na construção de seu texto. No entanto, não podemos deixar de considerar que o jornalismo é um “gênero sociodiscursivo”, o que implica afirmar que a situação de comunicação por ele acionada está inserida numa comunidade discursiva e tem relação direta com o grupo. Ao afirmarmos que a interpretação não é um componente intrínseco do texto jornalístico não estamos desconsiderando seu potencial discursivo. Bem de outro modo, a narrativa jornalística que

⁶ Cf. URIARTE, U. M. **Podemos Todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas.** Salvador: Revista Redobra, 2012. Disponível: http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/Redobra_10_22.pdf

se quer breve é determinada por diversos componentes que juntos constroem modo de dar sentido a determinados acontecimentos: Mais uma vez Sodré salienta:

Uma notícia, é, ao mesmo tempo, o resultado de uma técnica de texto, de uma marcação temporal no fluxo dos fatos cotidianos, da manifestação de um arbítrio corporativo-profissional, assim como uma questão institucional. Ela oferece ao leitor uma espécie de retrato “três-por-quatro” (passaporte e carteira de identidade) do fato. (SODRÉ, 2009, p.171)

O trecho nos apresenta uma característica fundante da estética textual jornalística: o ideal de objetividade, de plausibilidade. Esse ideal garante ao jornalista, num só movimento, a autoridade de decifrador da realidade. Albuquerque⁷ nos indica:

Diferentemente do empirismo ingênuo em vigor até então, o ideal da objetividade preconizava o uso de métodos adequados que permitissem aos jornalistas separar fatos de valores. Neste contexto as declarações de um jornalista sobre o mundo só poderiam merecer crédito na medida em que fossem submetidas a regras estabelecidas, julgadas legítimas por uma comunidade profissional. (Schudson, 1978). Dessa forma, o ideal da objetividade desempenhou um papel importante na afirmação dos jornalistas como intérpretes especializados da realidade, dotados de uma autoridade própria, não subordinada a outros agentes sociais e políticos. (ALBUQUERQUE, 2000, p. 72)

Muitos autores consideram a objetividade um mecanismo forçoso de construção de uma perspectiva científica do texto. Quanto mais próxima, objetiva e plausível a narrativa jornalística for, mais veracidade ela estará acionando. Mas sabemos que o modelo americano de conceber jornalismo como uma “narrativa do real” se desmorona com a abertura para os complexos estudos de recepção.

Então, podemos afirmar que a etnografia condiciona aspectos metodológicos diferenciados da construção da narrativa jornalística. Mesmo considerando a complexidade dessa narrativa que se quer objetiva e neutra, coesa e plausível, o jornalismo não deixa de dar sentidos no mundo. Paul Ricoeur⁸ nos deu importantes pistas para pensar a narrativa de um modo geral. O autor entende que narrar é sintetizar; portanto narrar é uma operação

⁷ Cf. ALBUQUERQUE, A. **A Narrativa Jornalística para além dos FAITSDIVERS**. Juiz de Fora: Lumina Facom/UFJF - v.3, n.2, p.69-91, jul./dez. 2000 - www.facom.ufjf.br

⁸ Cf. RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papirus Editora, 1994, tomo I.

mimética que nos possibilita entrar em contato com o mundo. O autor sofisticava o termo representação para entender que toda narrativa é ficcional. Narrar é necessariamente e fundamentalmente ficcionalizar o mundo. Neste sentido, Ricoeur entende que a narrativa relaciona as mentalidades, a sociedade, a memória coletiva ou os eventos pontuais, como num enredo. A narrativa é fundamental para articular os traços da experiência temporal com aquilo que é inteligível para o homem. A narrativa produz o sentido de mundo, ela é síntese do mundo. Podemos então dizer que o jornalismo é uma narrativa do mundo, um modo de produzir entendimentos do mundo, assim como a etnografia.

Potencialidades da escrita nas plataformas multimídias

Muito debatida as contribuições da internet na reconfiguração do campo jornalístico. As novas plataformas têm suscitado inovadoras experiências com a escrita. Bolter e Grusin⁹ indicam que esse procedimento aparece com o termo “remediação”. Remediação é um novo conceito que pretende dar conta do complexo emaranhado constitutivo das produções de conteúdos, da distribuição de conteúdos e do consumo das informações nas plataformas multimídias. O conceito também pretende impedir que façamos uma leitura reducionista da pretensa “evolução dos meios”. Em contrapartida almeja acionar a “convergências dos meios”. Os autores entendem que todos os meios remediam outro meio, numa espiral sem fim que coloca receptor, conteúdo e usos em constante tensão.

O processo de remediação em si é simples, mas suas inserções e averiguações nos meios requerem visadas macro do fenômeno midiático. Os autores defendem que as experiências vivenciadas com a inclusão das tecnologias digitais se aproximam cada vez mais de nossas experiências visuais cotidianas. Isso porque as tecnologias compõem nosso ambiente e muitas vezes se tornam centrais em nossa forma de perceber o mundo. Talvez esse seja um traço interessante para começarmos a entender as relações do jornalismo impresso nesse contexto multimidiático.

Nessa discussão, alguns procedimentos metodológicos se fazem necessários como, por exemplo, a percepção de que os meios não anulam outros meios, mas muitas vezes aperfeiçoam, transformam e redirecionam os meios. Isso evita entendermos meios apenas como elementos de evolução ou empobrecimento dos outros. Bolter e Grusin afirmam que

⁹ Cf. BOLTER, Jay David & GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. MIT Press, 1999.

Mcluhan já havia alertado para a incorporação, modificação e comunicação mútua entre meios que acomodam a outros meios.

Entendemos que nesse aspecto o jornalismo impresso pode estar se renovando, ou criando novas potências de escrita e produção. Por isso, as plataformas multimídias têm proporcionado experimentações estéticas com o texto. Nossa hipótese reside na percepção de que as plataformas podem fazer a escrita se “estender” e criar inovadoras formas de ler.

Façamos agora um exercício de observação dessa experiência. Em recente matéria, a jornalista Ângela Bastos descortina essas experimentações ao publicar, no dia 20 de junho, no Diário Catarinense, 24 páginas da reportagem *As quatro estações do ano de Iracema e Dirceu*.¹⁰



Tela Inicial da Reportagem

Num misto de produção independente, aliada a registros fotográficos precisos de Charles Guerra, a reportagem consegue produzir um mosaico de impressões da vida difícil de Iracema e Dirceu. Logo no primeiro link, *Família*, Ângela descreve:

¹⁰ Cf http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu/menu.html

Esta reportagem começa a ser traçada no final de 2012. Na época, a família de Iracema e Dirceu Canofre de Campos enfrentava o mês com apenas R\$ 54 por pessoa. Eram 13 pessoas, três adultos e 10 crianças. Isso os colocava no universo dos 102 mil catarinenses que, de acordo com o Censo 2010, viviam em extrema pobreza – com menos de R\$70 *per capita*. O número, o mais baixo do Brasil, desafiava SC a ser o primeiro Estado do país a vencer a miséria.

Esse tipo de reportagem, que durou 2 anos e 7 meses, requer investimentos de diversas ordens, financeiro, discursivo e uma imersão intensa ao campo. É um tipo de reportagem que exige que o repórter faça “etnografia”. O potencial da grande reportagem reside então em deter-se demoradamente nos aspectos mais minuciosos dos fenômenos. Isso implica dizer que impressões de primeira pessoa, interpretações mais específicas e valorações dos acontecimentos são permitidas e utilizadas de modo diferenciado na edição.

A história de Iracema e Dirceu e seus 12 filhos é apresentada em quatro estações do ano: Verão, Outono, Inverno e Primavera. A reportagem recorre a mapas, gráficos, áudio e vídeos em que situação de miséria e a vida cotidiana da família é discutida com as políticas públicas do governo catarinense. Dilemas éticos, narrativas em primeira pessoa marcam o mapa de acesso aos conteúdos. Tudo isso aliado a imagens e sons locais. Muitos links são expostos e levam o leitor a experimentar a reportagem num tempo muito particular e cômodo.

O que podemos salientar da experiência multimídia é sua relação com texto e com o trabalho de campo. Ângela produz um texto romanesco. O que quer dizer isso? A narrativa transcorre com exatidão e doses de enunciados literários. Nos links Outono pode-se ler na chamada: *Desflora-se o outono de 2013. É tempo de introspecção. A família de Iracema e Dirceu reflete nos costumes a forte ligação com a natureza.* Uma chamada nada convencional, como a do Inverno: *O inverno vem com tudo. Rigoroso, expõe as agruras de um frio inclemente em que os termômetros descem zero grau. Também se revela cênico, como no Planalto Norte, região Timbó Grande, em que mora a família de Iracema e Dirceu.*

Vislumbra-se no trabalho de Ângela uma potência da escrita e sua relação com a literatura, pois o drama da família Canofre é retratado com a mesma agitação perturbadora de romances como *A sangue frio*, de Truman Capote. As descrições são precisas e críveis, mas o texto vai além dos aspectos informativos e penetra nos personagens de forma a mantê-los tencionados, múltiplos e abertos aos acontecimentos. Essa interpenetração entre os modos de escrita, mais subjetivo, mas próximo do cotidiano insólito atravessa a narrativa

jornalística para além do factual crível e objetivo. A narrativa está, assim, além do fait-divers. Por isso Sodré salienta:

A narrativa jornalística não é apenas a questão de uma forma-relato ou forma-caso na estrutura do texto, mas também da presença de arquétipos de natureza mitológica ou retórica, provindos de uma tradição oral ou literária. (SODRÉ, 2009, p.230)

Entendemos que a forma como Ângela apresentou a escrita, mais densa, detalhada e com intensa pesquisa de campo, pôde ser assim projetada pela possibilidade da leitabilidade da plataforma. A plataforma multimídia permite o texto se prolongar, adensar-se e desviar do paradigma explicativo–informativo do factual.

Estaríamos assim diante de novas potências da escrita textual e de novos processos de construção da escrita impressa. A leitabilidade dos sons, imagens e vídeos permitiram o texto desviar? Cabe a questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. **A Narrativa Jornalística para além dos FAITSDIVERS**. Juiz de Fora: Lumina Facom/UFJF - v.3, n.2, p.69-91, jul./dez. 2000 - www.facom.ufjf.br

BOLTER, Jay David & GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. MIT Press, 1999.

FLUSSER, V. **A escrita – Há futuro para a escrita?**. São Paulo: Annablume, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do Pensamento na era da Internet**. Rio de Janeiro, Ed 34, 1993.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1994, tomo I.

SODRÉ, M. **A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Vozes, 2009.

STOLZE, T. **O Campo e a escrita: relações incertas**. São Carlos: Revista de Antropologia, v 5, n 2, 2013.

VEYNE, P. **Como se escreve a história – Foucault Revoluciona a História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

URIARTE, U. M. **Podemos Todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas**. Salvador: Revista Redobra, 2012. Disponível: http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/Redobra_10_22.pdf